

“CIDADE NASCIDA À SOMBRA DA CRUZ”: A INVENÇÃO DA IDENTIDADE QUIXERAMOBIENSE PELO INSTITUTO HISTÓRICO DO CEARÁ.

Nathan Pereira Barbosa¹

npereirabarbosa@gmail.com

Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

RESUMO

O presente trabalho buscou, inicialmente, levantar questões e reflexões sobre alguns aspectos teóricos que permeiam os conceitos de Identidade e Lugar Social. Em seguida, se tentou problematizar alguns artigos publicados pela revista do Instituto do Ceará, escritos por intelectuais quixeramobienses como Ismael Pordeus, Andrade Furtado, bem como o livro "Quixeramobim, Reconstituindo a História" (1996) de autoria do intelectual/memorialista quixeramobiense Marum Simão (1934). Certos aspectos dessas obras contribuíram para a construção de um imaginário identitário sobre o povo de Quixeramobim. Se buscou desconstruir afirmações generalizantes como "povo hospitaleiro", "cristão autêntico", "pacífico", "libertário" e "Cidade Coração do Ceará". Também se problematizou certos mitos fundadores como a noção de que os europeus teriam sido os "pioneiros desbravadores" da cidade, bem como o surgimento "harmonioso" do povoado de Santo Antônio de Quixeramobim sob o comando do português Antônio Dias Ferreira, chamado heroicamente de "Filho do Porto" e "cristão autêntico". Segundo essa narrativa monumentalizadora, além de possuir uma raiz história européia, o município teria surgido "à sombra da cruz" e livre de qualquer contradição ou conflito. Os autores chegaram, inclusive, a negar muitos fatos que, em sua concepção, não condiziam com a dita índole "pacífica e ordeira" daquela população. Compreendeu-se esse processo de omissões, escolhas e recortes históricos, como uma tentativa de forjar certo tipo de identidade. Algumas generalizações foram questionadas como o chamado "mito das três raças", a compreensão mecanicista/evolucionista de que as condições naturais teriam forjado a "alma do sertanejo", como também a atribuição de valores morais cristãos à todas as gerações de quixeramobienses, sempre descritos como um povo predestinado com passado de glórias e futuro de progresso. Toda essa estrutura narrativa gloriosa são reflexos de visões de mundo que partem de um ponto de vista católica e, em boa medida, de uma reprodução do tipo de história que instituições como o Instituto Histórico do Ceará se ocupavam em produzir.

Palavras-chave: Identidade, mito fundador, narrativa.

ABSTRACT

The present study sought to initially raise issues and reflections on some theoretical aspects that permeate the concepts of Social Identity and Place. Then we tried to discuss some articles published by the journal of the Institute of Ceará, written by intellectuals like quixeramobienses Pordeus Ismael Andrade Furtado, as well as the book "Quixeramobim, Composing the Story" (1996) authored by intellectual / memoirist quixeramobiense Marum Simon (1934). Certain aspects of these works contributed to the construction of an imaginary identity of the people of Quixeramobim. We sought to deconstruct generalizing statements like "friendly people", "Authentic Christianity", "peaceful", "libertarian" and "Heart of the City Ceará." Also problematized certain founding myths like the notion that Europeans would have been the "pioneers pioneers" of the city as well as the "smooth" appearance of the town of St. Anthony of Quixeramobim under the command of Portuguese Antonio Dias Ferreira called for heroically "son of the Port "and" authentic Christian ". According to this narrative monumentalizadora, in addition to having root European history, the city would have arisen "in the shadow of the cross" and free of any contradiction or conflict. The authors came even to deny that many facts in its design did not fit with the character said "peaceful and orderly" that population. It is understood this process of omissions, choices and historical

¹ Mestrando em História Cultural pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

perspectives: as an attempt to forge some kind of identity. Some generalizations have been challenged as so-called "myth of the three races," the mechanistic understanding / evolutionist that natural conditions have forged the "soul of the backcountry," as well as the assignment of Christian moral values to all generations of quixeramobienses always described as a predestined people with past glories and future progress. All that glorious narrative structure are reflections of world views that depart from a Catholic point of view, and for good measure, a reproduction of the type of story that institutions such as the Historical Institute of Ceará were busy producing.

Keywords: Identity, Myth Founder, Narrative.

. A Construção/Invenção de uma Identidade Quixeramobiense

“Uma vez produzido, todo texto histórico torna-se ele mesmo objeto de História, pois passa a representar a visão de um indivíduo sobre o passado”

Leandro Karnal - História na sala de aula

O historiador Durval Muniz em seu livro “História, a arte de inventar o passado”, realiza um debate interessante acerca de um termo que tem sido muito usado em outras áreas além da História, como por exemplo, a Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Pedagogia, Comunicação e Crítica Literária. Trata-se do termo “invenção”, que por sinal, dá título a esse tópico. O propósito dessa introdução é justificar de que maneira se pensa essa “invenção” aplicada à escrita da história pelo escritor Marum Simão. A palavra será empregada sem o sentido de algo que foi fabricado e se encontra acabado e cristalizado. Como veremos mais adiante, a identidade é dinâmica e está em constante processo de mutação e resignificação. Pensando na escrita, concordamos com Durval Muniz, quando afirma que o termo “invenção” sugere que

os homens inventariam a História através de suas ações e de suas representações. Essa expressão remete a uma temporalização dos eventos e dos objetos e dos sujeitos, podendo se referir tanto à busca de um dado momento de fundação ou de origem, como a um momento de emergência, fabricação ou instituição de algo que surge como novo. (ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. 2007: 19-20)

Longe de se querer propor uma abordagem estrutural dessa “invenção” que possa sugerir permanências ou essências, a intenção é entender como Marum Simão tentou inventar uma identidade quixeramobiense. A maneira ou abordagem de como faremos isso

remete para uma abordagem do evento histórico que enfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de que afirma o caráter subjetivo da produção histórica. (ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. 2007: 20)

Historicamente, houve grupos que tentaram estabelecerem uma identidade fixa e imutável seja para o Brasil, seja para uma dada região. Em nível nacional, o grupo de mais impacto foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Coube ao Instituto, elaborar no século XIX o perfil da nação e de seus habitantes em meio ao questionamento “o que é o Brasil?”

Criado em 1838, o Instituto deveria instaurar, enfim, o semióforo “Brasil”, oferecendo ao país independente um passado glorioso e um futuro promissor, com que legitimaria o poder do imperador. [...] Como instituto histórico, cabia-lhe imortalizar os feitos memoráveis de seus grandes homens, coletar e publicar documentos relevantes, incentivar os estudos históricos no Brasil. (CHAUI, 200: 50)

Em nível regional, no Ceará, essa tarefa de pensar uma identidade de forma mais sistemática ficou a cargo do Instituto Histórico do Ceará, criado nos moldes do IHGB. Esses historiadores lançaram as bases míticas das “origens” da província.

Ao estabelecerem os agentes e as situações que “Inauguraram” o Ceará na História, os historiadores do Instituto Histórico do Ceará detectaram as origens parciais da mítica “Origem” do Ceará. Os primeiros desbravadores, o povoamento das diferentes regiões, os primeiros donatários, as primeiras personalidades históricas – ou os heróis fundadores – formaram uma sistemática tradição mítica. Assim, para cada parte do território local foi eleito um personagem ou herói inaugural das tradições, do poder, capital simbólico, que distinguirá cada região. (OLIVEIRA, 2001:100)

Por identidade compreende-se como sendo uma série de signos, comportamentos, características, crenças e valores que são construídas historicamente e tomadas seletivamente como um discurso de auto-afirmação e diferenciação de um grupo ou sociedade em relação ao outro. Tais aspectos nunca são fixos ou sequer possuem uma essência, porém, vivem em constante transformação. Tampouco se trata de algo natural, que surge espontaneamente ou até mesmo que preexistia estando à espera de quem a tomasse.

A identidade é uma construção. Um feito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. (SILVA, 2012: 96)

Tendo por base teórica o livro “Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais” de Tomaz Tadeu, Stuart Hall e Kathryn Woodward, afirmamos inicialmente que “A identidade é marcada pela diferença” (SILVA, 2012: 09). A identidade necessita de outra identidade para existir. Reproduzindo o argumento do texto citado acima para nossa realidade: ser quixeramobiense é não ser quixadaense, não ser fortalezense, etc. Tal discurso busca cristalizar certos estereótipos (e excluindo

outros, daí seu caráter seletivo baseado em interesses diversos) e assim criar um sentimento de pertencimento. “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as *práticas discursivas* constroem para nós” (SILVA, 2012: 112) (grifo meu). Longe de ter uma pureza, a identidade é uma construção que está sujeita a constantes transformações de acordo com os tempos históricos e seus contextos culturais, econômicos, etc.

Esse trabalho procurou abordar como alguns historiadores do Instituto Histórico do Ceará tentaram elaborar uma identidade para a cidade de Quixeramobim, localizada no centro do estado do Ceará. Foram escolhidos autores nascidos naquela cidade, como Marum Simão, Andrade Furtado e Ismael Pordeus e Boanergs Facó. Procurou-se dar mais ênfase à Marum Simão, tendo em vista ser o intelectual mais recente, o qual foi influenciado por seus conterrâneos. Assim, pôde-se ver até que ponto certos mitos foram reproduzidos ou reelaborados. Ora, essa visão triunfalista sobre o passado da cidade de Quixeramobim, continua sendo reproduzida nas escolas de todo o município. Viu-se, portanto, a necessidade de se desconstruir e desnaturalizar alguns mitos que se verá mais adiante.

O historiador Almir Leal Oliveira em seu trabalho sobre o Instituto Histórico do Ceará, assegurou que havia nos textos dos intelectuais um forte apelo identitário sobre o que seria o Ceará e quais as características de seu povo. Isso porque além de darem início a uma mitologia que exaltava os valores morais de Martin Soares Moreno, do vaqueiro e do jangadeiro, representados como símbolos de força, heroísmo e coragem do povo cearense, esses autores também “evocavam uma memória para o Ceará como *Terra da Luz e da Liberdade*.” (OLIVEIRA, 2001: 130).

Por ser fortemente ligado ao Instituto Histórico do Ceará, Marum Simão foi diretamente influenciado por esse discurso identitário glorioso que exalta características morais. Tornou-se inevitável a comparação entre as narrativas épicas dos intelectuais que louvam o heroísmo e o caráter do dito “fundador do Ceará” Martin Soares Moreno e a narrativa de Marum, que como se verá mais à frente, ressaltou do mesmo modo os atributos espirituais de Antônio Dias Ferreira, tido pelo autor como “fundador” da cidade de Quixeramobim. Também se verá como reproduziu muitos mitos em sua narrativa que foram extraídos diretamente dos artigos de intelectuais como Andrade Furtado e Ismael Pordeus, ambos membros do Instituto do Histórico do Ceará e nascidos em Quixeramobim.

Um aspecto importante na escrita de Marum Simão, é que em toda a obra são muito recorrentes os trechos generalizantes e enaltecendores de um suposto caráter de coletividade forjado pelas dificuldades do clima seco e pela religião cristã católica daqueles que habitam na cidade Quixeramobim. Esse estilo enaltecendo caracteriza a tentativa de construção de uma identidade quixeramobiense com a finalidade de gerar um sentimento de pertencimento, pois como afirma Sandra Jatahy Pesavento:

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. (PESAVENTO, 2005: 89-90)

O enquadramento de uma memória e identidade católica sobre a cidade como algo imutável, natural e herdada daqueles europeus que para Marum Simão seriam os “pioneiros” é algo muito recorrente nas obras aqui estudadas. Pode-se notar que mesmo com a ausência de um debate teórico, foi possível observar na obra como memória e identidade dialogaram entre e si e se complementaram. Como afirmou Oliveira: “Memória e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, constituindo-se, mutuamente, num processo no qual a primeira dá substrato à segunda.” (OLIVEIRA, 2008: 44-45.). A memória diz muito sobre o que os sujeitos pensam de si mesmos. Em linhas gerais,

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992: 204)

Feita toda essa discussão teórica e ainda seguindo a linha de pensamento de Sandra Jatahy Pesavento, em que a identidade seria “uma construção simbólica de sentidos”, problematizar-se-á trechos do livro onde será possível observar essa “construção simbólica”.

No capítulo III intitulado “O Índio e a Colonização”, embasado em artigos de Ismael Pordeus, Eusébio Nery A. de Sousa e Ismael Pordeus, o autor procurou caracterizar as tribos que habitavam as ribeiras do rio Ibu, como por exemplo, os genipapos, os quixarás e os canindés. Mais à frente, no tópico 2, que trata do “Povoamento e Sesmarias”, discorreu sobre os “brancos” que começaram a chegar na região a partir do século XVIII e que se instalaram nas proximidades do boqueirão. O autor reproduziu o velho estereótipo da visão tradicionalista conservadora sobre os

européus como sendo naturalmente ousados e desbravadores: “Com seu espírito conquistador e possuindo armas mais aperfeiçoadas, o branco se instalou definitivamente no interior”. A progressiva extinção dos índios foi, inicialmente, criticada pelo autor que inclusive classificou como “chacina” toda a matança contra “os reais senhores das terras” (SIMAO, 1996: 32). Todavia, aos poucos, Marum Simão naturalizou o brutal processo de expulsão das tribos e sua catequização e posterior escravidão.

Nesse ponto, Marum reproduziu a visão de Eusébio Nery A. de Sousa, um dos intelectuais citados em sua bibliografia. Tanto para Eusébio, como para grande parte dos demais membros do Instituto do Ceará no final do século XIX e meados do século XX, prevaleceu a visão tradicional de colonização e dominação dos povos indígenas cearenses como sendo parte de um processo necessário para formação da “civilização” e ingresso do Ceará na era do “progresso”. Em artigo de 1913 da revista trimestral do Instituto do Ceará, intitulado “Breve Noticia Historica da Cidade de Quixeramobim: período de 1789 a 1913”, Eusébio de Sousa afirmou sobre as tribos que viviam no interior do Ceará:

E assim viviam os nossos primitivos nessa porfiada lucta, felizmente cedendo caminho ao mundo culto e civilizado, abrindo-lhe as portas do progresso, para o que muito contribuiu essa plêiade de valentes missionarios, grandes heróes que, derramando o próprio sangue em prol do utilissimo commettimento, se batião pela regeneração dessa raça sem valor, pode-se dizer, de verdadeiros irracionaes. (SOUSA, 1956: 368)

Em seguida, Marum Simão apresenta ao leitor um homem por nome de Antônio Dias Ferreira, português natural da cidade do Porto e que se instalara na região em 1712. Chamado de “filho do Porto” pelo escritor, apresentado como sendo “o pioneiro” e o “fundador” da primeira capelinha da região e da Fazenda Santo Antônio do Boqueirão, que futuramente cresceria e evoluiria para povoação, Villa e finalmente, Município em 14 de agosto de 1856. Tanto o título de “filho do Porto” e “fundador” reforçados por Marum Simão, quanto a ênfase heróica dada pelo autor a Antônio Dias Ferreira, evidenciam uma narrativa histórica que busca suas origens na realeza portuguesa e na sociedade européia em detrimento das culturas indígenas que existiam na região. Estes, ao contrário dos colonizadores, foram descritos apenas como vítimas e obstáculos incômodos aos estrangeiros ditos “pioneiros” e “fundadores” da civilização.

A elaboração de um herói fundador para a cidade Quixeramobim é uma herança da cultura escrita do Instituto do Ceará. Oliveira (2000) observou que

A figura do herói foi assim construída como elemento que defendeu e que bem explorou o território. As figurações em torno do fundador dignificavam o personagem dentro dos acontecimentos iluminando uma origem histórica antes presa às “brumas” confusas de um passado imaginado e não comprovado. (OLIVEIRA, 2001: 108)

O termo “pioneiro” embora remeta àqueles que primeiro ocuparam as terras, não foi atribuído às tribos, mas sim aos europeus. Portanto, as bases fundadoras de Quixeramobim seriam, segundo o autor, européias. Desconsiderando, assim, qualquer traço de presença indígena ou negra no que concerne a um papel ativo no processo de construção da gênese da sociedade quixeramombiense. Com essa narrativa, Marum acabou por reproduzir um discurso conservador que negava o protagonismo de povos indígenas no processo histórico.

Todos esses títulos dados a Antônio Dias Ferreira, como já mencionado, foram reproduções de visões tradicionais encontradas em autores do Instituto do Ceará e do IHGB. Marilena Chauí, em seu livro “Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária” (2000), escreveu sobre as atribuições dos historiadores que iniciaram essa tradição eurocêntrica no século XIX:

o português é o desbravador corajoso e aventureiro que vai criando o solo nacional, o índio é o símbolo do Brasil audaz, guerreiro puro, enquanto o negro simplesmente não aparece, substituído pela escravidão como instituição bárbara que é preciso destruir. Nessa história, não se acredita que o índio ou o negro possam ser a base de uma nação civilizada, tarefa que os historiadores do Instituto atribuíram aos portugueses. (CHAUI, 200: 52)

Ismael Pordeus, em artigo que consta na bibliografia de Marum Simão, intitulado “Quixeramobim e sua Vida Religiosa”, já trabalhava com a ideia de ser o português o “pioneiro” ou “fundador” de Quixeramobim, reivindicando, assim, uma origem européia para a cidade. Em passagem que comenta o testamento de Antônio Dias Ferreira, Pordeus escreveu: “não estranhemos, pois, aquela disposição testamentária do *luso fundador de Quixeramobim*”. (PORDEUS, 1955) (grifo nosso)

Boanerges Facó, em seu artigo “Fastos de Quixeramobim”, trabalho que também se encontra na bibliografia de Marum Simão, seguiu a mesma linha interpretativa de Pordeus: “O Capitão Dias Ferreira, *o fundador de Quixeramobim*, comprou no ano de 1702 terras à margem do rio.” (FACÓ, 1958) (grifo nosso)

Chauí (2000) escreveu sobre a tendência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em se criar heróis predominantemente europeus, principalmente em dado momento do século XIX em que se elaborava uma identidade nacional em meio à

pergunta “o que era o Brasil?”. Como se pôde averiguar, o Instituto do Ceará bebeu muito desse estilo de escrita da história do IHGB.

Como instituto *histórico*, cabia-lhe imortalizar os feitos memoráveis de seus grandes homens, [...] redigir uma história que incorporasse as três raças, dando predominância ao português, conquistador e senhor que assegurou o território e imprimiu suas marcas morais ao Brasil. [...] E era tarefa sua prover a história com os elementos que garantiriam um destino glorioso à nação. (CHAUI, 2001: 50)

O chamado “Filho do Porto” foi assim, consagrado mais uma vez, agora por Marum Simão, como o “pai” de Quixeramobim. Não somente “pai” no sentido do que chamou de “pioneirismo”, mas também um pai espiritual. Isso porque segundo o escritor, foi através dele e de seu exemplo que o “espírito cristão” passou a habitar em todos resistindo aos tempos e permanecendo até nossos dias (Lembre-se que foi Antônio Dias Ferreira quem institui Santo Antônio como padroeiro da hoje Quixeramobim). Obviamente, essa visão tradicionalista e heróica precisa ser desnaturalizada, questionada e desconstruída. Essa é nossa função enquanto historiadores. Portanto, a instituição de Antonio Dias Ferreira como herói “pioneiro” e cristão fundador da cidade, foi uma construção. Uma tentativa de europeização das origens históricas locais ao mesmo tempo que desconsidera a presença e o protagonismo de povos indígenas anteriores ao português. O que se vê ali pode ser classificado como um clássico exemplo de mito fundador. Sobre esse conceito, concordamos com Tomaz Tadeu Silva:

Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heróico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade. (SILVA, 2012: 85)

Marum Simão declarou que a fixação do “filho do Porto” “e seus homens nas proximidades do rio Ibu não foi tão fácil como se imagina” (SIMAO, 1996: 32). Lemos numa citação² de Ismael Pordeus, do Instituto do Ceará, que tanto Antônio Dias Ferreira quanto seu companheiro Cap. Manuel da Cruz de Melo “se empenharam em luta com a indiada, pela posse da terra ainda em poder do selvagem” (SIMAO 1996: 32) (PORDEUS, 1956) e que “aqui, como em outras partes do País, o colonizador teve de enfrentar adversidades mais variadas, inclusive a hostilidade dos nativos” (SIMAO, 1996: 37). Ora, fica evidente que além de colocar os índios numa posição em que os mesmos teriam sido obstáculos hostis aos colonizadores, Marum Simão afirmou

² PORDEUS, Ismael . “Antonio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim”. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1956.

claramente que Antônio Dias Ferreira entrou em conflitos com aqueles que denominou de “reais senhores das terras”. No entanto, o conflito do chamado “filho do Porto” com os índios foi ofuscado ou até mesmo esquecido pelo autor ao se exaltar logo em seguida, a fé de Antônio Dias Ferreira. Isso porque sendo ele colocado na aclamada posição de “fundador” de Quixeramobim, sua memória não poderia passar para a posteridade como sendo de um conquistador devastador de terras ou um assassino de índios e senhor de escravos, mas sim de um homem genuinamente cristão, alguém a quem se deve graças até hoje por ter escolhido Santo Antônio como padroeiro, alguém que foi um exemplo de fé a ser seguido: “Foi um homem *profundamente religioso*, cristão autêntico, zeloso na propagação da fé” (SIMAO, 1996: 38) (grifo nosso)

Essa áurea em torno de Antônio Dias Ferreira não foi algo fabricado apenas por Marum Simão. O escritor quixeramobiense do Instituto Histórico do Ceará, Ismael Pordeus, em seu artigo “Antonio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim” datado de 1956, já teria criado alguns traços de personalidade e espiritualidade para o português, inclusive já utilizando termos que 40 anos depois seriam reutilizados por Marum. Pordeus afirmou que Antônio Dias Ferreira teria sido um homem portador de “sentimento *profundamente religioso* que ia na alma do luso filho da cidade do Pôrto. [...] Era o homem do século, afeito às lutas do pastoreio, que desejava praticar com maior perfeição as virtudes cristãs.[...] Devoção sincera, ardente mesmo” (PORDEUS, 1956: 190-191) (grifo nosso). Esses outros traços foram reproduzidos e potencializados por Marum Simão.

Em uma passagem do artigo “Centenário de Dom Quintino” de 1963, Andrade Furtado ressaltou ainda que “esta unidade da Pátria” (Quixeramobim), teve seu surgimento guiado pela Cruz de Cristo:

Revivem, nas comemorações da grata efeméride celebrada, os méritos e os fulgores da vida e obra imortais desse pioneiro intemerato do alastramento do Reino de Senhor, em larga porção desta querida unidade da Pátria, *nascida à Sombra da Cruz* (FURTADO, 1963: 62). (grifo nosso)

Essa última frase em destaque escrita por Andrade Furtado, se tornou jargão constante ao longo de todo o livro “Quixeramobim, Recompondo a História”. Marum a tomou para si a fim de reforçar, ainda mais, uma gênese mitológica para cidade que afirma ter sido o cristianismo vivido de forma intensa e verdadeira, o elo que deu força e impulso para o desenvolvimento dos primórdios do que viria ser a cidade de Quixeramobim.

O capítulo 5 que trata da “Vida Religiosa” é um dos mais expressivos em relação à construção/invenção de uma identidade quixeramobiense. As primeiras palavras do capítulo 5 revelam um Marum Simão religioso, católico, que em sua escrita procura passar ao leitor uma espécie de espiritualidade quixeramobiense:

Desde o início da colonização das ribeiras do Ibu, nas proximidades do Serrote Quixeramobim, que Santo Antônio está ali a presidir e orientar, com seu exemplo de vida, com sua dedicação à causa do evangelho (SIMAO, 1996: 96)

O caráter generalizante de sua escrita fica evidente em mais um trecho que celebra o padroeiro da cidade e seu povo, o qual é descrito como sendo religiosamente unido e unificado em uma só fé cristã, e que ainda segundo o autor, não possui crenças fanáticas:

No que tange à religiosidade “O Santo dos Milagres” tem presidido os atos cristãos ali realizados. Venerado e amado por todos os quixeramobinenses e pelos que passam a morar na cidade [...], sendo constantemente invocado por aquela gente, desprovida de fanatismo e misticismo (SIMAO, 1996: 97)

Com essa afirmação categórica sobre a ausência de “fanatismo e misticismo”, podemos entender que a identidade depende e é marcada pela diferença (SILVA, 2012). Observe-se como o escritor constrói uma identidade a partir das diferenças, daquilo que segundo ele não fazia parte das características daquelas pessoas e sim de outras, ou seja, fanatismo e misticismo. Trata-se de uma construção, uma seleção positiva intencional de atributos em que há sempre uma relação de poder no discurso que envolvem “nós” e “eles”. Concordamos com Kathryn Woodward quando afirma que

“o que somos” significa dizer “o que não somos”. A Identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. (SILVA, 2012: 82)

Como já foi dito, obras memorialísticas tendem a ser por demais generalizantes e a história da fé cristã em Quixeramobim que Marum Simão procura destrinchar, é em essência uma história do catolicismo na região. Aos protestantes e seus pioneiros na cidade, dedica um tópico meramente descritivo de dez linhas intitulado “Igrejas Evangélicas”, onde são listadas as denominações existentes até o ano de 1996 (Ano de publicação do livro). Nesse tópico, inclusive, o autor inclui até grupos como os Testemunhas de Jeová, que não se definem como cristãos e muito menos como “evangélicos”. Se aos protestantes foram dedicadas dez linhas, que dirá às outras manifestações religiosas que praticamente não aparecem na narrativa. Conclui-se,

portanto, que quando o autor se refere de modo geral ao povo de Quixeramobim e sua fé, é de católicos que está falando especificamente.

O apelo constante ao título de “Cidade Coração do Ceará” (SIMAO, 1996: 351) devido à posição geográfica central da cidade, também se constituiu como parte desse leque mitológico que visa fortalecer essa identidade. O recurso de comparar a posição geográfica de certas cidades ou regiões no mapa brasileiro, com pontos vitais do corpo humano, tem sido usado ao longo da história do Brasil, para se inventar e criar laços. O samba enredo “Cidade Maravilhosa”, composto por André Filho para o carnaval carioca de 1935, é evocado até os dias hoje por intelectuais e pessoas comuns para afirmar uma posição de diferenciação em relação às demais cidades do Brasil:

*“Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil
Cidade Maravilhosa, coração do meu Brasil.”*

Também se houve constantemente na mídia e outros meios, que a Amazônia seria o “Pulmão do Mundo” dado sua importância ambiental para o planeta. O termo que apesar de já questionado, ainda tem sido constantemente apropriado por grupos de ativismo ambiental que, em seus discursos e apelos, o usam com o fim de ressaltar a importância das florestas brasileiras que seriam um patrimônio mundial a ser preservado.

A “Cidade Coração do Ceará” não foi inventada por Marum Simão. Nos anos 50 do século XX, esse já era um jargão conhecido e reproduzido nos meios intelectuais cearenses. Vejamos trecho do artigo “Fastos do Ceará – Quixeramobim”, do quixeramobiense Boanerges Facó, publicado na Revista do Instituto Histórico do Ceará em 1958: “Quixeramobim é o centro do Ceará, é o alto sertão, pois fica equidistante da zona litorânea como o fica da fertilíssima região do Cariri. Não lhe chamo o coração do Ceará, porque a comparação já está muito trivial.” (FACÓ, 1958: 45)

Outra característica muito comum a respeito do aspecto generalizante da escrita de Marum Simão, foi a questão de atribuir a todo o povo certos feitos protagonizados por um grupo social específico. Trata-se de uma tentativa de construir uma identidade de povo “forte”, politicamente ativo e unido, além de uma ênfase numa suposta “tradição” por anseios de Liberdade que seriam compartilhadas por todo o povo.

Na esteira do que Pesavento chamou de “construções simbólicas de sentido”, chegamos ao tema miscigenação. Tais construções também vêm no sentido de reforçar ou criar uma identidade e um sentimento de pertencimento. Sendo assim, a tese

do autor sobre a miscigenação em Quixeramobim e no Brasil como um todo se enquadra no que muitos estudiosos e críticos de intelectuais como Darcy Ribeiro denominaram de “Mito das Três Raças”. Esse mito muito conhecido visa criar, através de uma análise simplista e mecânica de causa-efeito, uma Identidade de Povo Brasileiro em diversos aspectos como o cultural, psicológico e comportamental, partindo da ideia de que a mistura entre índio, negro escravo e europeu teria forjado nossa cultura e nossa sociedade. Como filho do Instituto do Ceará, sua tese também foi uma reprodução do que pensavam os intelectuais daquele círculo sobre o papel da miscigenação no Brasil: Aqui, como no resto do País, a miscigenação do branco, negro e índio propiciou o aparecimento de um povo intrépido, forjando a têmpera viril do sertanejo (SIMAO, 1996: 50)

Para reforçar essa tese, Marum Simão cita logo após sua afirmação, mais uma passagem de um artigo de Andrade Furtado publicado na Revista do Instituto do Ceará, que também reproduziu a ideia do mito das três raças: “A sociedade que emergiu da genealogia mesclada do branco, do índio e do africano humanizou o solo bárbaro e inspirou a força dos empreendimentos destemerosos para as ásperas jornadas do Porvir” (SIMAO, 1996:50). Esse trecho, assim como a citação anterior, sugerem que Marum Simão herdou uma visão conservadora/tradicional que prega o dito “sertanejo” como um produto/resultado do meio rústico, ou seja, um homem de “têmpera viril”, “um forte” como afirmou Euclides da Cunha em Os Sertões.

Marilena Chauí (2000) ressaltou que esse “determinismo” do meio proclamado pelo IHGB, não se restringiu apenas à questão moral, mas também se estendia aos “usos e costumes, pois, “inspirando-se no naturalismo evolucionista e no positivismo”, partiam para um “determinismo natural na formação do caráter, isto é, das condições climáticas e da raça, às quais acrescenta o determinismo ‘moral’, isto é, os usos e costumes” (CHAUI, 2001: 48). No Ceará, essa visão evolucionista também foi muito forte no Instituto Histórico local, Almir Leal afirmou que essa elaboração identitária se dava na

Relação determinante da atribuição do meio físico como condicionante moral. [...] O lugar da identidade cearense com base na produção historiográfica foi a definição de um tipo humano caracterizado pelas modificações da natureza. [...] Um modelo explicativo que teve sua base nas leituras científicas que marcaram o grupo de intelectuais da Academia Francesa no Ceará em meados da década de 1870. As influências mesológicas e o predomínio das leis da natureza na formação do caráter mental da população foram leituras sociais incorporadas do darwinismo social. [...] O caráter sentimental do cearense estaria, dentro dessa visão, marcado pela

definição de um tipo humano que, reconhecidamente, era resultado do meio físico. [...] Moldado pela fusão das raças européia e indígena, e pelos condicionamentos do clima. (OLIVEIRA, 2001: 200, 2001)

Essa invenção histórica do cruzamento das “raças” e de que o chamado “sertanejo” por si só é um forte devido ao ambiente hostil, também foi utilizada por Andrade Furtado e, conseqüentemente por Marum Simão para tentar justificar uma condição de diferenciação a partir dos chamados “pioneiros” (Marum) ou “avoengos” (Furtado), ambos termos que remetem a supostos antepassados: “O heroísmo incomparável e desmedido dos nossos avoengos foi uma escola de robustecimento moral da fibra varonil dessa forte e brava gente” (FURTADO, 1955: 90). Também se pode citar o artigo do quixeramobiense Boanerges Facó “Fastos do Ceará – Quixeramobim” (1958) e suas afirmações semelhantes que remetem à mesma construção da identidade aqui problematizada. Facó procurou ressaltar a suposta “força” do sertanejo quixeramobiense que, resistiria bravamente às intempéries da região:

Eu te saúdo, no teu festivo jubileu, vetusta cidade, cujos campos, às vezes açoiados pela inclemência de um sol de brasa, que te calcina e cresta o vasto planalto, castigado pela crise climática, mas que teus fortes e dignos filhos sabem gozar ou sofrer no seu contraste entre a abundância e a miséria. (FACÓ, 1958: 58)

O mito das três raças que também tem sido usado nos dias de hoje para explicar, dentre outras coisas, a ginga futebolística brasileira e os ritmos musicais alegres, é um reflexo direto do presente, do olhar do escritor sobre a realidade. A identidade além de ser reivindicada através de apelos a antecedentes históricos é feita também a partir das referências e pressupostos do tempo presente em que é forjada. Nesse sentido, compartilhamos do mesmo pensamento de Ruthenford, quando este afirma que: “A identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora” (RUTHENFORD, 1990: 19-20)

Mas qual o motivo de tanto orgulho pelo fato da mestiçagem brasileira por parte de diferentes gerações de escritores? Chauí (2000) ressaltou que a escola histórica alemã, muito influente no IHGB e no Instituto do Ceará, possuía dois critérios para definir se um “aglomerado humano” poderia ou não ser considerado uma nação. Esses critérios eram a unidade racial seguido da densidade demográfica. Esses fatores se colocados ao lado de um dos objetivos do IHGB que, em um plano mais amplo, pretendia discutir e definir o que era a nação brasileira, fazem todo o sentido.

A crença que, geralmente, tende a generalizar a população de Quixeramobim como um núcleo que historicamente sempre teve um suposto “espírito

libertário”, também se constituiu como mais um aspecto que Marum Simão herdou das leituras dos intelectuais aqui já citados. Boanerges Facó, em artigo já mencionado, escreveu sobre o episódio da proclamação da Confederação do Equador:

Eu te saúdo, magnífica cidade da Liberdade, que a 9 de janeiro de 1824 vibraste de entusiasmo e içaste a bandeira da República do Equador e soubeste repudiar e sofrer o despotismo que fez rolar cabeças de mártires pela pregação das ideias e princípios. (FACÓ, 1958: 58)

Esses foram algumas reflexões sobre obra de Marum Simão e de seus conterrâneos do Instituto do Ceará. Viu-se qual foi o tipo de história que continua sendo referência para a cidade de Quixeramobim. Uma história de cunho católico, heróica, que exalta grandes homens e que se pretende perfeita e livre de contradições. Viu-se que esse discurso histórico tentou justificar ou reivindicar uma origem europeia para a cidade, em detrimento do protagonismo dos povos indígenas da região, vistos como meros obstáculos aos “fundadores” e “desbravadores” portugueses que também teriam deixado um legado espiritual por intermédio de seus exemplos enquanto “cristãos autênticos”. O índio representava a “barbárie” e o “paganismo”, por isso, dentro dos parâmetros dos intelectuais cearenses que desejavam colocar o Ceará no projeto civilizatório nacional por intermédio da história, não serviriam como marcos, como base de uma civilização.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs). **Cultura Política e Leituras do Passado: historiografia e ensino de História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2007.

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História, a arte de inventar o passado**. São Paulo: Edusc, 2007.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Anotada Expandida**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 6ª.ed., 2005.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **A cidade inventada: a paulicéia construída nos relatos memorialistas (1870-1920)**. Campinas: Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 1993.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARR, Edward Hallet. **O que é história?** São Paulo: Paz e Terra, 3ª Ed., 1996. 3ª ed.

- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Coleção História do Povo Brasileiro, 2000.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: Edusc, 2002.
- FERREIRA, M.M.; AMADO, J.(Org). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GOMES. Ângela de Castro & SCHMIDT. Benito Bisso. **Memórias e Narrativas (Auto)biográficas**. (Org.) Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. **Historiografia: O sentido da escrita e a escrita do sentido**. In: Dossiê: História & Perspectivas – 20 anos. Desafios da História e da Historiografia. Uberlândia, jan. jun.2009.
- OLIVEIRA, Almir Leal de Oliveira. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social (1887 – 1914)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2001
- PADRÓS, Enrique Serra. **Usos da memória e do esquecimento na História. Literatura e Autoritarismo: o esquecimento da violência**. UFSM. Santa Maria - RS. Revista nº 4, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p. 200-212. In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/104.pdf>
- PORDEUS, Ismael. **Antônio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim**. Fortaleza: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, 1955.
- RUTHERFORD, J. (org.) (1990). **Identify: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart.
- SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000,
- SIMAO, Marum. **Quixeramobim, Reconstituo a História**. Fortaleza: MULTIGRAF Editora Ltda, 1996.
- SOUZA, Eusébio Nery Alves de. **Breve Notícia Histórica da Cidade de Quixeramobim**. Fortaleza: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, 1913.

